



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A AMAZÔNIA E SEU DESCOBRIMENTO: CONTRADIÇÕES E DRAMAS REFERENTE AO MITO DAS AMAZONAS NA LITERATURA DE VIAGEM DO SÉCULO XVI

Paulo Cesar Cedran¹

INTRODUÇÃO

Quando analisamos o processo de construção do Brasil enquanto uma civilização e inevitável não nos reportarmos ao que a teoria literária denomina literatura de viagem. De acordo, com Bosi (2006) os primeiros inscitos de nossa história documentaram a instauração do processo de informações que os missionários e os viajantes europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro.

José Verissimo não classifica esses textos como literários mas como pura crônica histórica, se entrarmos na polemica sobre essa questão considera-se valida o que Bosi (2006, p.13) assim descreve nesses textos quando afirma:

Não é só como testemunho do tempo que valem tais documentos: também como sugestões temáticas e formais. E mais de um momento a inteligência brasileira reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e donativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro.

Ao tratar especificamente do processo de descobrimento do Brasil não pode-se esquecer que os espanhóis chegaram primeiro a América conforme os relatos de Américo Vespúcio sobre a viagem de Cristóvão Colombo em 1492 (BANDECCHI, 1966).

¹ Doutor em Educação Escolar – Universidade Estadual Paulista. Atua no programa de Mestrado em Educação - Centro Universitário Moura Lacerda – CUML – CEP 14080-200 – Ribeirão Preto – São Paulo – Brasil – e-mail: pcedran@ig.com.br;



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Bandecchi (1966) afirma a respeito da tese de Capistrano de Abreu sobre as três nações europeias que disputam o mérito do descobrimento do Brasil, que os espanhóis reclamam desde o século XVI, o direito ao descobrimento do Brasil. Porém, existem dúvidas e pontos obscuros referente as minúcias desse fato, o que não impede o autor de concluir que foram os espanhóis que aqui chegaram antes dos portugueses e franceses.

A partir da assinatura do Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha a região correspondente ao atual estado da Amazônia, passou a pertencer aos espanhóis que deram início ao processo de reconhecimento e posse da região, no final da primeira metade do século XVI.

Do lado da Espanha, além da sabida viagem realizada por Vicente Pinzon ao Amazonas (1499-1500), passando pelo cabo de Santo Agostinho (Pernambuco), conhecemos o relato da expedição feita por Francisco de Orellana (1540-42), realizada por ordem do governador Gonzalo Pizarro. Partindo da província dos omágua conhecida por Malchifaro ou Maquipáro, Orellana desceu o grande rio até a sua foz, em território português. Devemos o relato dessa expedição ao frei dominicano Gaspar de Carvajal, que foi o primeiro cronista a descrever a geografia, a orografia e a etnografia dos numerosos grupos indígenas que povoavam o vale do Amazonas em toda a sua extensão. Alguns anos depois, a expedição de Pedro de Urzua (1560-61) tentava refazer o caminho traçado por Orellana, descendo o grande rio. Porém, esse capitão foi morto por um dos seus tenentes, Lope de Aguirre, que não conseguiu completar a missão de atingir o canal principal do Amazonas. Na verdade, Aguirre se perdeu entre os vários braços de igarapés e canais dos rios da região, subindo em direção ao norte até desembocar nas proximidades da ilha da Trindade, no litoral venezuelano (GADELHA, 2002, p. 67).

Identificamos, portanto, que esse relato feito pelo Frei dominicano Gaspar de Carvajal caracteriza-se pelo primeiro relato do que seria chamada literatura de viagem sobre a região Amazônica.

Segundo França (2012) ao questionar esse processo referente a literatura de viagem pergunta: se existe uma espécie de invenção do Brasil e dos brasileiros pelo europeu? Esse questionamento levou a formular uma série de questões a respeito das narrativas dos viajantes as quais o autor "coleccionava".

E assim, pergunta:



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Quem eram os homens que as escreviam? A que público em geral se destinavam? De que estatuto de verdade gozavam? Que alcance tinham na sociedade de então? E, sobretudo, que contornos e que cores ganharam o Brasil e os brasileiros nesses escritos? (FRANÇA, 2012, p. 11)

Essas questões de ordem metodológica nortearam nossa análise a seguir referente ao mito das Amazonas conforme os relatos de viajantes.

1- RELATOS DOS VIAJANTES CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA E LA CRUZ A REGIÃO AMAZÔNICA.

A escolha do mito das Amazonas nasceu por se tratar de um tema recorrente na narrativa indígena, bem como por significar também a possibilidade de confrontar o mito de Lilith sobre o aspecto da narrativa ocidental, porque os relatos dos primeiros europeus sobre a América já estavam marcados pela presença da cultura ocidental judaica, cristã, que conhecia o mito de Lilith e exercitava a visão de mundo e ideologia patriarcal presente nas religiões monoteístas.

Veríssimo (1970, p. 235) descreve a extensão, o fascínio que essa região exerce no Brasil e em seus desbravadores quanto à sua geografia, e afirma:

GEOGRAFICAMENTE a Amazônia, se sob esta denominação abrangermos toda a bacia do Amazonas, compreende não só os dois grandes Estados brasileiros do Pará e Amazonas, mas parte considerável do Norte de Goiás e de Mato Grosso e também da Bolívia, bem como imensa extensão do Peru, do Equador e da Colômbia. É um mundo, mais de um terço da América do Sul. [...] Desde logo depois do descobrimento, por Orellana, em 1541, do curso do rio Amazonas. [...] As publicações a que essas viagens e expedições deram lugar constituem volumosa e importante literatura, em que a geografia, a cartografia, a história natural em todos os seus ramos, a etnografia e a economia política têm lugar proeminente.

Veríssimo relata a grandiosidade que envolve a Amazônia, a ponto de chamá-la de um mundo. Lembra que, após o descobrimento, por Orellana, várias expedições foram realizadas com a finalidade de explorar suas assombrosas riquezas naturais produzindo importante literatura. Será em torno dessa literatura, em especial



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Quando se referem à descrição de suas características de personalidade, os autores afirmam que:

São mulheres de grande coragem, e que sempre se conservaram sem o comércio ordinário de varões, e mesmo quando estes, pelo acordo que tem com elas, vêm uma vez por ano às suas terras, recebem-nos com as armas nas mãos, que são arco e flechas, que atiram durante algum tempo, até que cientes de que vêm de paz os conhecidos, deixando as armas, acodem todas às canoas ou embarcações dos hóspedes, e tomando cada qual a rede que encontra mais à mão, que são as camas em que eles dormem, a levam para casa, e pendurando-a em sítio onde o dono a reconheça, o recebem por hóspede aqueles poucos dias, passados os quais eles voltam para as suas terras, repetindo-se todos os anos esta viagem pela mesma época (CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA, 1945, p.267-268).

Quanto à destinação dos filhos do sexo masculino ou feminino, as descrições dos autores pouco diferem dos demais, quando afirmam:

As filhas fêmeas que nascem desta união, conservam e criam entre elas, porque são as que hão de levar adiante o valor e costumes de sua nação, mas os filhos varões não se sabe com certeza o que fazem com eles. Um índio que, sendo pequeno, tinha ido com seu pai a esta entrada, afirmou que os filhos varões eram entregues aos pais, quando no ano seguinte voltavam a sua terras. Mas contam os outros, e parece o mais certo por ser mais corrente, que reconhecendo-os como tais, lhes tiram a vida. O tempo descobrirá a verdade, e se estas são as famosas Amazonas dos historiadores, que guardam em sua comarca tesouros que dão para enriquecer o mundo todo. Esta a foz deste rio, povoado pelas Amazonas, a dois graus e meio de altura (CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA, 1945, p.268).

Pelo relato, percebemos nitidamente uma confusão entre uma narrativa que se propunha a validar-se historicamente, com os aspectos míticos que povoam o imaginário masculino dos indígenas, reforçados pela visão do europeu, já marcada pela misoginia, reforçada aqui pelo infanticídio masculino incompatível em o estereótipo de maternidade da civilização europeia.

Essa mulher destrutiva estaria presente no paralelo mítico que podemos estabelecer Diana e mesmo Lilith, a primeira Eva, presente nos evangelhos apócrifos, cuja destruição do elemento masculino, neste caso se daria por sua sedução e luxúria, levando-o à perdição e à loucura. Portanto, podemos identificar uma atitude destrutiva na visão dos narradores, quanto à relação mulher/homem. Com as Amazonas, a



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

destruição do macho se daria pelo infanticídio; na narrativa bíblica se daria pela destruição do adulto. Ambas narrativas, porém, guardam em comum a relação sexualidade/morte em dimensões diferentes: morte – fruto das fecundações de macho, morte fruto da reprodução com o macho.

Rodrigues (2007, p. 4-5) comenta que

A mulher da primeira vez é Lilith, que provoca em Adão uma sensação angustiante, que lhe amedronta. O sangue mencionado na citação acima sugere a menstruação, uma característica carnal e instintiva da mulher, além da ausência de pudor e tabus de Lilith, que apresenta-se livremente ao homem, disposta também à experiência sexual no ciclo menstrual. A saliva reforça o caráter sexual simbólico, remetendo à uma idéia de secreções eróticas. Deste modo, fica evidente a condição sensual e libertada dos preconceitos dentro do universo simbólico feminino em Lilith; é essa atuação sexual, que leva o homem ao êxtase e fora do controle sobre si mesmo, o que amedronta o universo simbólico masculino expressado em Adão: por isto, ele se afasta e busca uma companheira adequada - ou seja, submissa, obediente, que sinta-se inferior.

La Cruz descreve a mesma organização do aldeamento das Amazonas e reforça sua valentia, quando diz:

En los Omaguas oímos decir, que en nuestro grande río abajo había una provincia de mujeres que vivían solas sin varones, y que solo tenían amistad con aquellos, que cada año por cierto tiempo las iban á visitar, y que usaban de arco y flecha y que eran muy vatientes (LA CRUZ, 1900, p.116).

La Cruz (1900, p.117) faz uma explicação importante, descrevendo a alteração do nome do Rio Amazonas quando de sua passagem por outros países, ao afirmar que:

De aquí se tomó ocasión para dar el tal nombre de las Amazonas á nuestro gran Río de San Francisco del Quito, siendo así que desde este río pequeño de las dichas Amazonas hasta el nacimiento del grande nuestro, hay cerca de l..... leguas, y desde este río de las Amazonas á la mar, habrá poco más de 300. Y en comparación de nuestro gran Río de San Francisco, es el que llaman de las Amazonas, muy pequeño río.

Podemos afirmar que, pelos relatos dos primeiros exploradores, as diferentes narrativas reforçaram o mito das Amazonas como sendo mulheres



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

independentes. Bittencourt (1985) capta a visão de mundo desses exploradores (espanhóis e portugueses) que se caracterizavam pela audácia em desvendar os mistérios de uma terra preta e de fabulosas riquezas. Citando que fazia parte da horda de Francisco Pizarro, Francisco de Orellana, fugindo do próprio Pizarro, talvez para se apoderar de 100 mil libras de ouro do qual era depositário, chega à região amazônica, como assim descreve:

Chega ao Napo; d'ahi passa ao valle do Amazonas, que, pela primeira vez, recebia a visita de homens civilizados. Isto, em 1540. [...] O aventureiro dá o seu próprio nome ao grande rio. Mas, ao passar pela foz do Nhamundá, é atacado por uma tribo selvagem (talvez a dos icamiabas), que presumiu ser composta de mulheres. Lembrou-se então das lendárias guerreiras da Cappadocia e resolve mudar para o de Amazonas o nome do rio que percorria, quase ao sabor da sua impetuosa corrente (BITTENCOURT, 1985, p.254)

O autor reafirma que o mistério envolvendo o mito das Amazonas encontra suas razões no ideário europeu das lendárias mulheres guerreiras da Capadócia, enfatizando o aspecto delirante de um explorador que, em meio a torturante viagem, falece sem poder regressar à Espanha para narrar seus feitos. Segundo Bittencourt, Orellana foi o verdadeiro descobridor do grande rio, e coube ao padre Gaspar de Carvajal descrever seus feitos no diário de viagem de Orellana. O mistério da mítica luta entre Orellana e as Amazonas é o que Cascudo não justifica ao incluir esse mito em sua obra "Geografia dos Mitos Brasileiros".

As Amazonas impressionaram muito as inteligências dos colonos, mas dos colonos que tinham livros. Debalde, nas almas palpitantes do povo que vêem Mapinguaris e Capelobos, procuraremos o rastro viril da Amazona, valente e nua, batendo contra Orellana, há quatrocentos anos. Por isso não as deixei entrar neste livro... (CASCUDO, 2002, p.375)

Essa referência à comunidade de mulheres aponta para uma personificação de mulher com atributos masculinos, de guerreiro, cultura física e aventura, apartada da relação patriarcal, de domínio do macho na cultura da comunidade. Daí compreendermos o fascínio dessa personalidade no imaginário europeu. Sob este aspecto, Gandía (1946) indica essa referência no imaginário



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

occidental, quando afirma, em sua “História Crítica de los Mitos y Leyendas de la Conquista Americana”, que existem relatos sobre a existência das Amazonas desde a Idade Média. Existem ilhas masculinas e femininas nos mapas medievais. Quanto ao mito das Amazonas na América, Gandía (1946) afirma que o mesmo é reflexo da lenda das virgens do sol, caracterizadas como mulheres escolhidas entre os peruanos para figurarem em rituais e que fazem parte da organização social e dos costumes do Peru. O autor afirma que:

Al mismo tiempo, las amazonas, vistas por la fantasía de Colón, revelaban los mismos hábitos que las mencionadas por Herodoto: se relacionaban una vez al año con los hombres, en primavera, sólo con el fin de perpetuar la raza; guardaban para así las niñas que daban a luz y entregaban los niños a los padres (GANDÍA, 1946, p.76-77).

A referência de Gandía ao historiador Heródoto reafirma o que dissemos anteriormente acerca da presença desse arquétipo de mulher no imaginário Ocidental, e estabelece uma relação mediada pelos padres, que descreveram de forma quase que sobrenatural a ocorrência desse fato. Essas descrições aumentariam as especulações em torno dessa estranha mulher, não afeita à maternidade:

Añaden que es verdad lo que se cuenta de la isla habitada solamente por mujeres, que a flechazos defienden con bravura sus costas, y que en ciertas temporadas de año pasan allá los canibales para engendrar, y que desde que están encintas ya no aguantan a los hombres, [...] (GANDÍA, 1946, p.91).

Mesmo diante do relato em que a oposição masculino/feminino fica evidente no processo de recrutamento de macho para a reprodução e manutenção da comunidade exclusiva de mulheres, Gandía (1946) retoma a ideia das Amazonas como a percepção equivocada de uma forma de organização comunitária relacionada às mulheres consagradas em função de um sistema religioso, quando diz:

Las amazonas – lo repetimos – eran el reflejo, hecho leyenda, de las Vírgenes del Sol y de las esposas del Inca, con todos los detalles de su existencia, de la organización social y de las costumbres del Imperio Peruano (GANDÍA, 1946, p.87).



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Diante do contexto apresentado, identificamos que o mistério em torno da existência das Amazonas perpassa não apenas a mitologia americana mas também a ocidental, sendo pertinente sua caracterização como um arquétipo do feminino.

CONCLUSÃO

Após analisarmos como o mito das Amazonas foi visto e descrito pelos expedicionários, podemos estabelecer um paralelo com a descrição do perfil de mulher do mito das Amazonas com o perfil do mito de Lilith, considerada a primeira Eva, e aquela que levou à destruição do homem.

Quanto ao significado etimológico da palavra, Sicuteri (1987, p.92) diz que: “A palavra original amazona significa sem seio.... mulher – lua. [...] as Amazonas são criaturas de Ares e Ártemis (que correspondem ao casal romano Marte e Diana Caçadora). [...] Elas eram belíssimas, audazes e ferozes”.

Diante desta afirmação de Sicuteri (1987), podemos depreender algumas características de como o mito das Amazonas, em comparação ao mito de Lilith, apresenta um perfil de mulher independente e que transgrida a ordem patriarcal estabelecida, a ponto de serem essas mulheres chamadas de demoníacas.

Cascudo faz referências à característica que lhe dá o nome, ou seja, mulheres sem seio, e justifica esse sinal como necessidade de uma guerreira que Sicuteri de certa forma refuta mas deixa espaço para o imaginário, ao dizer:

A fantasia popular quer que cada Amazona mutile um seio para ser mais livre para usar o arco, mas não existem documentos que atestem esse fato. Aqui, mais que nunca, é possível imaginar uma fantasia de remoção das características sexuais rejeitadas (SICUTERI, 1987, p.93).

Assim, como afirma Manguel (2011, p.65-66) sobre o papel do seio:

Na mitologia grega romana e etrusca, Juno (Hera ou Uni) adota Hércules (Héacles), dando o leite do seu peito; a Via Lactea formou-se quando ela puxou o mamilo dos lábios sófregos do herói e esguichou leite pelo céu. Nessa conotação negativa, o seio recusado denota a renúncia da maternidade: as amazonas amputam o seio direito a fim de poder puxar seu arco, disparar a flechas com mais eficácia e tornarem-se melhores guerreiras, trocando o papel de Vênus pelo de Marte.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

De acordo com Holanda (1969, p.27) a cena dramatizada ganha esse contorno pelo fato de que:

A fúria com que se via acometidos, explica-a o frade pela cena extraordinária que testemunhou ou que lhe pintou a imaginação, de algumas mulheres, dez ou doze por ventura, a pelear tão animosamente, diante de todos os índios, como se foram seus capitães, que eles não tinham coragem de fugir e àquele que tentasse fazê-lo matavam-no a pau.

Essa função é fundante, pois, de uma maneira ou de outra, esse mito e sua recorrência ocidental consegue resgatar na mulher a fonte de inspiração de ideais de liberdade e igualdade, tornando-se de fato algo real.

França (2012, p. 85) complementa que

A partir da metade do século XVI e sobretudo do início do século XVII, teve lugar na Europa uma produção constante e volumosa de relatos de viagem, atividade que se tornou quase uma obrigação para o viajante instruído, que retornava do além-mar. Assistiu-se, também, ao crescente apreço dos homens cultos pelas narrativas de viagem, homens, que, é bom lembrar, trataram, por meio dos seus escritos, de propagar as ideias e descrições contidas nos relatos.

É essa magia da narrativa mítica que não podemos explicar, mas que podemos ver atuar em todos nós, pois passamos a compreender a história Amazônica pelos olhos dos relatos de viagem que fascinaram o europeu nos séculos XVI e XVII, e ainda fascinam os brasileiros em seu processo de construção civilizacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDECCHI, Brasil. **Epítome de história da civilização brasileira**. São Paulo: Editora Samambaia, 1966, 127p.

BITTENCOURT, Agnello (1876-1985). **Corografia do Estado do Amazonas**. Apresentação de Arthur Cezar Ferreira Reis. Manaus: Fundo Editorial da Associação Comercial do Amazonas, 1985, 346p.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 47.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, 11-26p.

CARVAJAL, Gaspar de; ROJAS, Alonso de; ACUÑA, Cristobal de. Descobrimientos do rio das Amazonas. 5 serie. Vol. 203. Brasiliiana, 1941, 294p.

CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger de. O trickster como personificação de uma práxis. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, 1985, 177-187p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11.ed., São Paulo: Global, 2002, 14-15p.

CASCUDO, Luís da Câmara (1898-1986). **Geografia dos mitos brasileiros**. 2.ed., São Paulo: Global, 2002, 396p.

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. 3.ed., São Paulo: Moderna, 2005, 157p.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade tupinambá**. 2.ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970, 425p.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**: antologia de textos, 1591-1808. Rio de Janeiro: Jose Olympio; São Paulo: Unesp, 2012. 614p.

GADELHA, Regina Maria A. Fonseca. Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil. **Estudos Avançados**, v. 16, n. 45, p. 63-80, 2002.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônia, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

GANDÍA, Enrique de. **História crítica de los mitos y leyendas de la conquista americana**. Buenos Aires: Centro difusor del libro, 1946, 288p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969. 15-33p.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil**: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Editora Itatiaia, 1980.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**. 9.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997, 153p.

LA CRUZ, Laureano de. **Nuevo descubrimiento del rio de Marañon llamado de las Amazonas**. Madrid: Biblioteca de La Irradiación, 1900, 182p.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. Tradução: Rubens Figueiredo, Rosaura Eicheberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 358p.

NERY, Frederico José de Santa-Anna. **O país das amazonas**. Livraria Itatiaia Editora, 1979.

REIS, Arthur César Ferreira. **História do amazonas**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989. 261p.



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo. In: **Ética, religião e expressão artística. Anais do III Congresso Internacional de Ética e Cidadania.** 2007.

SICUTERI, Roberto. **Lilith a lua negra.** Tradução Norma, J. Adolpho S. Gordo. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987, 211p.

SMITH, Anthony. **Os conquistadores do Amazonas:** quatro séculos de exploração e aventura no maior rio do mundo. São Paulo: Best Seller, 1990, 399p.

VERÍSSIMO, José. **Estudos amazônicos.** Universidade Federal do Pará, 1970, 256p.